

O CORPO COMO EXPOENTE CRÍTICO: ELEMENTOS DA ESTÉTICA IORUBÁ NA POÉTICA DE PAULO NAZARETH

THE BODY AS A CRITICAL EXPONENT: ELEMENTS OF YORUBA AESTHETICS IN THE POETICS OF PAULO NAZARETH

Gabriela Reboredo Évora¹

Carlos Eduardo de Oliveira Silva Cassiano²

Pedro Hussak van Velthen Ramos³

Resumo:

Este artigo aborda a obra do artista contemporâneo mineiro Paulo Nazareth, discutindo sua concepção de *arte de conduta* e analisando alguns de seus trabalhos, em particular aqueles construídos por meio de fotografias, panfletos, performances, instalações durante suas caminhadas ao redor do mundo. Além disso, busca-se apresentar alguns aspectos da sua trajetória, enfocando sua formação como artista e sua ligação com a comunidade em que nasceu, Palmital, bairro da periferia de Belo Horizonte. Do ponto de vista metodológico, além de entrevistas com o artista e artigos sobre o seu trabalho, utiliza-se a pesquisa da Dra. Naiara Paula Eugenio para estabelecer alguns pontos de contato entre a sua produção e a estética Yorubá, cujo princípio é a formação ético-estética de um indivíduo dentro de um corpo social. Com isso, busca-se mostrar a importância que o artista dá à sua ancestralidade conectando a linguagem contemporânea com ressonâncias de uma das culturas mais antigas da África.

Palavras-chave: Arte contemporânea; Paulo Nazareth; Performance; Estética Africana; Povos Yorubás.

Abstract:

This article discusses the work of contemporary artist Paulo Nazareth, discussing his conception of *art of conduct* and analyzing some of his works, in particular those constructed through photographs, pamphlets, performances, installations during his walks around the world. In addition, it seeks to present some aspects of his trajectory, focusing on his training as an artist and his connection with the community in which he was born, Palmital, a neighborhood on the outskirts of Belo Horizonte. From the methodological point of view, in addition to interviews with the artist and articles about his work, the research of Dr. Naiara Paula Eugenio is used to establish some points of contact between his production and the Yorubá aesthetic, whose principle is the ethical-aesthetic formation of an individual within a social body. With this, it seeks to show the importance that the artist gives to his ancestry connecting contemporary language with resonances of one of the oldest cultures in Africa.

Keywords: Contemporary art; Paulo Nazareth; Performance; African Aesthetics; Yoruba peoples.



Introdução

Este artigo insere-se no âmbito de uma cooperação entre o Laboratório de Licenciatura e Pesquisa Sobre o Ensino de Filosofia (LLPEFIL), por meio do Núcleo de Filosofia Africana, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), coordenado pela Pesquisadora e Doutora em Filosofia Naiara Paula Eugenio, que foi, além disso, a instigadora de pesquisas acerca da estética africana como ética, e o grupo de pesquisa *Pensamento estético contemporâneo* da UFRRJ, coordenado pelo prof. Pedro Hussak. O objetivo do presente trabalho consiste em apresentar aspectos da trajetória de Paulo Nazareth, sua concepção de *arte de conduta* e analisar suas obras de maior relevância, mostrando como tudo isso conversa harmonicamente com a cultura estética Yorubá e com seus princípios. Então, o presente trabalho busca mostrar a importância que Paulo dá à sua ancestralidade, mostrando como, por meio da arte, um artista contemporâneo brasileiro consegue conectar-se com uma das culturas mais antigas da África.

Quanto à metodologia, foram pesquisados artigos sobre Paulo Nazareth além de entrevistas do artista. No que se refere à estética Yorubá, o artigo se referencia na pesquisa de Naiara Paula Eugênio.

O artista contemporâneo mineiro vem conquistando todo o círculo de arte nacional e internacional desde 2010, trazendo consigo uma nova proposta e reflexão sobre o que é a arte e qual a contribuição dela para a luta social, política e racial. O artista, que não se limita a um movimento artístico, chama atenção principalmente por suas caminhadas ao redor do mundo, nas quais, durante seus trajetos, constrói obras por meio de fotografias, panfletos, performances, instalações, entre outros. E, mais além, constrói suas obras em uma relação com os outros, aspecto esse que se pode relacionar com a estética Yorubá. Os indivíduos de fora e dos lugares que Paulo visitou, formam uma parte essencial em suas obras, eles deixam de ser tratados como espectadores e passam a formar o corpo artístico de suas artes.

Além disso, outro traço marcante em suas obras vai ser a retomada de sua ancestralidade, desde seu sobrenome até sua forma de viver (denominado arte de conduta). Paulo carrega sua origem africana e indígena de forma muito clara e crítica, e com essa ligação com sua ancestralidade africana, com o indivíduo, e com as comunidades que visita, ele vai estabelecer grandes pontos em comuns com a ética-estética africana dos Povos Yorubás, pois o objetivo da estética desses povos consiste em mostrar a forma pela qual a relação entre o indivíduo e sua comunidade impacta profundamente em outros âmbitos de sua vida. Paulo conversa, ainda, com a chamada teoria etnológica desses povos, uma teoria que propõe analisar o meio social de uma obra para melhorar a compreensão da mesma, fazendo a arte ganhar vida e funcionalidade.

Biografia

Paulo Sérgio da Silva, ou como é popularmente conhecido, Paulo Nazareth, nasceu em Governador Valadares, Minas Gerais, em 1977. Trata-se de um artista contemporâneo e um dos mais destacados brasileiros na arte da performance. Começou todo seu percurso artístico quando decidiu estudar entalhe em madeira com o Mestre Orlando, artista popular baiano. Em seguida, em 2005, completa sua

licenciatura em desenho e plástica, tornando-se, em 2006, bacharel em desenho e gravura na Escola de Belas Artes pela UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), onde além da área artística, desenvolveu estudos também na área de linguística.

Como dito, seu nome de batismo é Paulo Sérgio da Silva, e o artista faz questão de, sempre que possível, assinalar a sua origem: “Da silva” significa “da selva”. Com isso, Paulo relaciona seu sobrenome às suas origens indígenas e africanas. Além disso, o movimento artístico no qual ele se insere, denominado “arte de conduta”, é evidente não só em seu trabalho, como também na escolha de seu nome artístico: “Nazareth” vem de sua avó, Nazareth Cassiano de Jesus, cuja reverência vem do fato de ela ter sido levada para Barbacena, cidade que, na época, abrigava um hospital psiquiátrico – na verdade um local de tortura – cujos relatos evidenciaram aquilo que ficou conhecido pelo documentário *Holocausto Brasileiro* (Direção de Daniela Arbex e Fernando Meirelles, 2016). Paulo reivindica esse nome como pertencimento. O *Hospital Colônia*, localizado em Barbacena – MG, foi aberto em 12 de outubro de 1903, e não ganhará a comparação com campos de concentração à toa: ali estavam não apenas pessoas com registros de doenças mentais, como também há registros de homossexuais, negros, mães solteiras, entre outros, o que deixa claro qual o real intuito do local, que falha em seu objetivo de ser um lugar para tratamento. Paulo relata que sua avó foi enviada à Barbacena, pois teria “enlouquecido”, e também relata que quem assinou para que ela fosse mandada a esse local fora o patriarca da família, para o qual todos trabalhavam. Com isso, a importância do uso do nome da avó em seu nome artístico mostra-se de forma política, como toda a produção artística dele, em entrevista ao Instituto Pretos Novos (IPN), em 2019, ele diz: “[...] Essa busca de quem era Nazareth, ela é enviada para Barbacena que era uma fábrica de corpos, ela perde o nome e passa a ser identificada por um número. Então Nazareth Cassiano de Jesus, que eu carrego comigo, perde esse lugar do nome, passa a ser um número, e ela fica em Barbacena por cerca de 20 anos.”

O pseudônimo “Nazareth” é um acontecimento de resgate, resgate da humanidade da avó, resgate do lugar dele, e também uma tomada de consciência de quem ele é. Fica evidente essa posição. Dessa maneira é que Paulo lembra que sua formação, enquanto ser e também enquanto artista, foi uma construção coletiva, e nisso encontra-se a conduta, ou o comportamento, na arte, que vai desdobrando-se durante sua vida.

Paulo se insere no meio artístico e passa a chamar atenção nacionalmente e internacionalmente quando, em 2010, resolve sair de Palmital, bairro na periferia de Belo Horizonte, onde reside até hoje, para participar da feira Miami Basel. O diferencial e a autenticidade do artista consiste no fato de ele realizar todo percurso até Miami a pé, fotografando-se e fotografando cartazes ao decorrer de todo caminho. Mais tarde, denominou essa performance como “Notícias da América”, uma de suas obras mais conhecidas. Após chegar na feira e apresentar uma instalação chamada “Banana Market”, que consistia em uma kombi repleta de bananas, Paulo recebe diversos convites para outros eventos como a Bienal de Veneza em 2013 e a Bienal de Lyon, na França em 2013. No Brasil, em 2012, também apresenta a instalação e conquista com ela o prêmio MASP de Artes Visuais, na categoria Talento Emergente. Quando acaba de apresentar sua instalação pelo mundo inteiro, retorna ao seu bairro Palmital e reinaugura, na feira local, sua barraca onde trabalhava anteriormente, e a nomeia como “Paulo Nazareth Arte

Contemporânea LTDA”, nome que futuramente também seria o de seu livro onde conta todo o percurso do Brasil até os Estados Unidos para a feira de arte que mudou sua carreira artística.

Posteriormente, as caminhadas de Paulo se tornam um de seus traços marcantes, e desse modo, realiza mais caminhadas ao redor do mundo inteiro. Caminhos até a Índia, África e Américas fazem parte de sua obra e atuação performática, extraindo de todos esses lugares elementos culturais, antropológicos, sociais, raciais, entre diversas outras críticas. Paulo mergulha em suas caminhadas e interage nos ambientes como se fosse parte deles, retomando vínculos com suas raízes étnicas e com seus ancestrais. Além disso, estabelece uma interação que ele realiza com os indivíduos desses locais que, claro, também se tornam uma parte essencial da composição de sua obra.

Embora a performance seja a expressão artística em que Paulo tornou-se mais conhecido, o artista não se limita somente a esse movimento, como também realiza trabalhos em gravura, escultura, fotografia, instalações, entre outros. Além disso, nunca se limita ao ambiente usual (isto é, museus) para a realização de sua arte. Ele é um forte crítico da estética da forma que é conhecida popularmente, como é possível notar na reflexão que ele faz em uma recente entrevista à revista Estado de Minas:

Penso no que eu trabalho. Durante muito tempo, pensou-se a estética nas chamadas belas artes, que devem mostrar o que é bonito. As pessoas continuam pensando nisso e querendo que o que elas consideram feio morra, na arte e na vida. Não gostam de banguelas, ou seja, podem desaparecer, assim como os velhos enrugados. Por isso, agora não ligam se os mais velhos, os pretos, os pobres, os sujos e a população de rua desaparecem, porque consideram que essas pessoas não são dignas de existir, se não fazem parte da ‘fine art.’. Não é uma coisa nova. Para a gente que luta por uma outra estética e para que outras vidas sigam, vamos continuar lutando, já lutávamos antes. A arte vem sofrendo ataques no Brasil há tempos, justamente por apontar caminhos diferentes da beleza já estabelecida. (GALVÃO, 2020)

Agora, Paulo Nazareth já tem diversos projetos em mente, pretendendo continuar sua obra “Cadernos da África” na qual aparecem os planos de fazer suas caminhadas agora pelo Norte do continente. Além de pretender construir o que o artista chamou de “A trilogia dos ás”, que se constitui em África, América e Ásia, continentes que, para ele, são os responsáveis pela construção do mundo até nossa era contemporânea.

Movimento Artístico

Como dito anteriormente, Paulo Nazareth não limita sua arte a uma forma ou a um local: o artista expressa seus trabalhos através de instalações, fotografias, desenhos, cartazes, panfletos, entre outros. Todavia, o que sem dúvida melhor define o artista é a chamada “arte de conduta” ou “arte de comportamento”, definida por ele mesmo como “forma de estar presente na vida, questionar o cotidiano e, ao mesmo tempo, apreciá-lo” em declaração publicada em matéria digital da revista *Veja*. Paulo tem, então, como objetivo de suas performances as andanças pelo mundo e a sua imersão nas pessoas, nas comunidades e nas culturas que ele conhece.

Porém, antes de nos aprofundarmos nas diversas performances do artista e seus significados, é imprescindível entendermos como começou todo esse movimento artístico. A ruptura de movimentos como o artificialismo e o ilusionismo foi o que abriu caminho para posteriormente surgir a arte da performance que veio a ser conhecida no início dos anos 70, posterior ao *body art* e produto final desse mesmo movimento.

A arte da performance é uma arte que tem o corpo como suporte: o autor não faz mais usos de telas, pincéis, canetas e tintas, passa agora a expressar com o corpo, podendo também incorporar tais elementos à performance, explorando a si próprio e também espaços físicos. O que antes ficava retido à tela, agora pode ser expresso em um espaço maior. Para Jorge Glusberg, um dos sistematizadores da arte da performance, trata-se de uma fusão ao drama que flui através do próprio corpo e valer-se disso como ferramenta emancipatória para fazer arte (GLUSBERG, 2013). Esses elementos usados na obra de performance vão além da exploração do próprio corpo, agora contando com um novo fator: com o espaço físico no entorno, pode-se explorar também aspectos subjetivos, sociais e culturais, transformando o artista em seu objeto de arte. Glusberg aponta que, o termo "Performance" implica uma ambiguidade, com conotações inevitavelmente importantes a serem entendidas. Uma delas é a implicação de uma pessoa física no ato e a outra é que há algo para ser visto, um espetáculo. Vemos essas implicações no teatro, na dança, e também na música. As tradições milenares da história da arte faziam com que os autores em seus trabalhos viriam a supor um filtro de ilusionismo. No teatro, por exemplo, o dramaturgo, aquele que escreve e idealiza a peça não é o mesmo que a executa, a encenação é realizada por atores e atrizes, assim como ocorre na dança, em que o coreógrafo é representado pelos bailarinos e bailarinas, em espaços fictícios. Todos esses elementos implicam o ilusionismo, os fatores artificiais. Nesse sentido, a performance é o resultado final de todo esse movimento, passando-se a incorporar elementos reais, o corpo e elementos da natureza.

É no âmbito dessa nova expressão artística que Paulo Nazareth se encontra e desenvolve grande parte de seus trabalhos. Em suas performances, ele busca dialogar com os indivíduos que, por sua vez, são convidados a completar essas performances e a elaborar seu sentido. Além disso, ainda há em seu trabalho uma "performance ao vivo", na qual, na esteira de Hélio Oiticica, por exemplo, o "espectador" se converte em "participante", e não necessariamente sabe que se trata de um trabalho artístico, como, por exemplo, na performance realizada em Nova Déli, na Índia, enquanto o artista realizava sua residência no local. Essa performance foi intitulada "Uma rúpia por meu país" e consistiu em Paulo sentar-se em uma escadaria num local movimentado com uma placa em inglês dizendo: "Pago uma rúpia para quem adivinhar de que país eu venho". Pouco depois do ato, muitas pessoas se juntaram ao redor dele para tentar desvendar sua origem, mas, por fim, ninguém conseguiu. Essa performance, além de mostrar o modelo ao vivo no qual o público não sabia que estava em uma intervenção artística, mostra também o contraste entre a identidade de Paulo e ao mesmo tempo a sua perda: ele se põe como um indivíduo que, aos olhos de outros, não possui uma origem, ou seja, um indivíduo que pertence a um lugar, mas ao mesmo tempo pertence ao mundo todo, ou a lugar nenhum. O artista, por fim, registra todas as performances através de fotografias ou vídeos, transformando-as em exposições ao redor do mundo todo e para o mais variado tipo de público.

Como já dito anteriormente, outra parte essencial das obras de Paulo será o fato de ele estabelecer diálogos com suas origens étnicas e sua ancestralidade. Suas origens indígenas e negras são representadas em suas obras por meio do movimento, por meio de viagens históricas por caminhos que levaram à construção de sua identidade atual. Paulo, por meio do movimento, desconstrói racismos institucionais e cotidianos, desconstrói o óbvio, tornando sua arte uma luta racial e política. Fez questão de antes de pisar na Europa, fazer todo o caminho pelas Américas, pela África e pela Ásia. Fez questão, também, de transitar entre espaços da “cultura erudita” (isto é, museus, exposições, eventos artísticos) e da “cultura de massa” (espaços convencionais, ruas, feiras, entre outros) para dar vida às suas obras e mostrar que sua arte pode e deve ser acessível a todos.

Principais Obras

Com desenvolvimento amplo na área de linguística, Paulo não deixa de mão de incorporá-las também em suas obras. Nas figuras 1 e 2, ele usa da linguagem para fazer crítica sobre a identidade do ser negro pelo mundo, observando que em diferentes lugares sua etnia ora é questionada, ora é perdida, o que é denunciado pelo artista também dentro do Brasil. Observou-se em *Cadernos de África* uma densa parte de seus trabalhos em que ele complementava suas performances com cartazes, sempre utilizando a linguagem também como aporte político, além de artístico. Nessa perspectiva, é interessante pensar de que maneira Paulo se enxergava dentro do meio artístico contemporâneo brasileiro, como um homem preto, de base periférica e de que maneira ele era inserido nos circuitos artísticos institucionais, como por exemplo, museus, galerias e afins. Pode-se observar a complexidade esboçada na poética desse artista, o que pensamos ser algo dado em suas obras, na verdade se desdobra em questionamentos inesgotáveis, ele nos traz a reflexões de como estão sendo tratadas e inseridas as figuras negras em espaços de poder, dentro do próprio circuito da arte contemporânea brasileira, onde pelo menos mais de uma década já se discute esses problemas (BOUSSO, 2016), e ainda, nos levando a debates mais complexos como o próprio colorismo, quando em entrevista ao IPN-2019, ele explica o motivo de em suas obras e, também em sua vida, precisar reafirmar-se o tempo inteiro como negro:

Então, você quer dar um prêmio para um negro? Ah, tem esse aqui. Mas se você quer castigar um branco, pega esse aqui. Vamos castigar um branco! Castiga esse branco aqui, que é o branco sujo, escuro. O branco que mais lembra o negro. O branco que tem a memória de África mais reluzente. E se você quer premiar um negro, pega esse aqui, que é mais escovado e que está mais afastado da imagem negra. Então, já fui chamado de negro-branco – “Quem é o Paulo?” Ah, é aquele negro-branco que fica ali –, por ter essa pele clara. Mas isso não me salva porque, desde a minha meninice até hoje, eu sou parado pela polícia e sou revistado justamente por insistir em ser negro, em manter esse cabelo. Mas é uma questão política e tomar consciência desse lugar de pessoa negra é muita porrada. (NAZARETH, 2019)

Nas obras, ainda se identifica o jogo de sentidos das mesmas palavras, em idiomas diferentes, brincando com os diferentes sentidos da palavra negro. Com

isso, Paulo faz a crítica a esse sistema citado acima e busca compreender como o seu público o identifica.

Figura 2: Paulo Nazareth, *Black neger*, do projeto *Cadernos de África*, 2012/2013, impressão sobre papel jornal (pilha com 1000 impressões), 85 × 119 cm (Fig.1); Paulo Nazareth, *What is the colour of my skin? / Qual é a cor da minha pele?* 2013, 30 x 30 cm.



Além da luta contra o racismo estrutural presente em sua obra, Paulo também é crítico do imperialismo norte-americano. Em algumas obras, como exemplo na figura 3, podemos notar o artista fazendo o resgate de pertencimento às terras, enquanto ser pertencente de seus ancestrais. Em certo ponto da entrevista dada ao IPN, o artista aborda a questão da construção das Américas e de como a África está ligada com ela. Corpos negros foram transacionados através do atlântico, partindo de África para cá, as Américas. Com isso, o ser negro é parte do construto dessa terra e, assim, também donos. Essa crítica vem pelo fato de as demarcações não só de fronteiras, mas também de identidades ocorrerem no mundo todo. Dado que os Estados Unidos são uma das maiores potências mundiais, são eles que ditam o mercado, tanto o mercado da arte quanto o mercado em geral, diz Paulo na entrevista. Entretanto, os povos ancestrais pretos e indígenas eram os povos transacionados para uso da força na construção desse capital, logo na visão do artista, descendentes desses povos são tão pertencentes a esses lugares quanto euro americanos e norte-americanos que, na maioria das vezes, são vistos como “Americanos de verdade”. Essas reivindicações de fronteiras ocorrem de modo a que se possa pensar na construção de um território de origem ancestral.

Figura 3: Paulo Nazareth, Sem título, *Notícias de América*, 2011.



A figura 4 representa mais uma crítica ao imperialismo cuja imagem, ainda da série “Notícias da América”, mostra a viagem de Paulo do Brasil até os Estados Unidos a pé. Como dito anteriormente, Paulo não lava seus pés até chegar a seu destino final. Na imagem, podemos ver, com seus pés ainda sujos, o artista pisando na bandeira dos EUA, representando, assim, todos os lugares que andou até chegar a esse país. Podemos, com isso, extrair da obra uma crítica política, pois com seu imperialismo, os EUA geralmente estão em um lugar de poder em relação aos outros países da América Latina, o que aparece de forma invertida na imagem.

Figura 4: Paulo Nazareth, sem título, da série *Notícias de América*, 2011/2012, impressão fotográfica sobre papel algodão, 30 × 40 cm.



A exotificação de corpos negros também é bastante abordada ao longo da construção de Paulo não só enquanto artista, mas também construção de ser humano. As mais diversas situações em que teve sua identidade questionada, até pedidos para que ele mudasse certo aspecto de seu visual para ser mais aceito – seja

no mercado das artes seja no mercado de trabalho em geral –, culminam na construção dessa performance.

Figura 5: Paulo Nazareth, sem título, da série *Notícias de América*, 2011, impressão fotográfica sobre papel algodão, 60 × 80 cm.



Com isso, a crítica de Paulo se estende ao campo do padrão de beleza imposto na sociedade, padrão esse, que foi e é acordado todos os dias com o pacto da branquitude. Em um de seus panfletos (Fig.6), ironiza a visão de que para um indivíduo ser considerado bonito, ele deve atender aos padrões de cabelo liso, pele clara, nariz fino, entre outros. Ou seja, tudo que saia dos traços negros seria ainda considerado “o belo” na visão de uma sociedade racista.

Figura 6: Paulo Nazareth, *Qué Ficar Bunito ?* – Planfleto, 2005, impressão fotográfica sobre papel algodão.



O que conecta a poética de Paulo Nazareth à estética Yorubá

Direta e indiretamente, as ligações de Paulo com a estética africana são fortemente presentes em sua obra, como já visto anteriormente. A estética africana tem como um de seus principais objetivos estabelecer uma relação do indivíduo com a comunidade a qual ele pertence, pois, nessa concepção, a comunidade vai impactar diretamente na vida social do indivíduo. Com isso, deve-se sempre atentar ao fato de que ao falar de estética africana, estamos sempre relacionando arte e comunidade (EUGENIO, 2020, p. 117). Na vida e obra de Paulo Nazareth, isso não se encontra de forma diferente, principalmente levando em conta que o artista ainda hoje vive em sua comunidade de onde se inseriu no meio artístico. Embora ande pelo mundo inteiro, Paulo sempre volta para Palmital, nunca esquecendo sua conexão com aquele lugar, nunca esquecendo a importância vital de sua comunidade para sua formação social e artística. Ali ele consegue conhecer melhor a si mesmo e encontrar sua liberdade.

Partindo desse conceito, entraremos especificamente agora na análise da arte de conduta de Paulo Nazareth e seus traços semelhantes com as performances presentes na estética Yorubá. Os povos Yorubá compreendem uma das culturas africanas mais antigas, atualmente se encontram na região da África Ocidental, que engloba os países da Nigéria, Benin e Togo, e são cerca de 25 milhões de pessoas que se inserem nessa cultura. Uma das possibilidades de arte na cultura Yorubá, surge na forma de cerimônia e ritual, fazendo assim uma relação entre o *Orun* e o *Aiye*, dando uma forma visual ao divino (considerando o ser humano divino). Um dos personagens da Iorubalândia é o *Amewa*, que a doutora em Filosofia Africana, Naiara Paula Eugenio, aponta ser um indivíduo que adquire uma sensibilidade para avaliar esteticamente as coisas, mais especificamente: “O *Amewa* é um filósofo das artes e do comportamento humano; ele especula sobre o belo e procura pelo belo nas manifestações culturais, seja na produção de objeto de arte ou em comportamentos humanos.” (EUGENIO, 2020, p. 275). Com isso, podemos identificar a estética Yorubá também como uma forma de ética, na qual o comportamento precisa contribuir para uma harmonia social. Além disso, a ética-estética passa por várias outras características, como o caráter, a bondade, entre outros. Graças a essas e outras características, os povos yorubás acreditam que alcançariam a vida plena e feliz, tanto individualmente quanto em comunidade: “Essa consciência de si mesmo está afinada com um tipo de vida filosófico pautado no bom caráter, no bem comunitário, na bondade e na convivência harmoniosa com todos os seres. Essa condição de existência possibilita o alcance da felicidade compartilhada, o encontro consigo mesmo e a plenitude de uma consciência voltada ao sagrado em um conjunto Ético-Estético amplificado, inclusivo e abrangente.” (EUGENIO; WER, 2019, p.135).

Ainda segundo os apontamentos de Naiara Paula Eugenio, a beleza para os povos Yorubá também vai relacionar-se com a ética, pois “o Yorubá não separa a performance para adquirir um corpo belo, ou elaborar um objeto belo, da que o transformará numa pessoa honrada, caráter e beleza estão no mesmo ciclo de características convenientes à formação do indivíduo.” (EUGENIO, 2020, p. 115). Podemos ver, claramente, como isso se relaciona com a arte de conduta de Paulo Nazareth, na qual o artista não separa sua forma de viver com sua arte. Para ambos,

uma irá complementar a outra. O belo se apresenta em ambos como a forma de viver do indivíduo, suas ações, seus ideais, seu caráter e a forma de lidar com o outro. Tudo isso já se encontra inserido na criação artística e na formação de suas estéticas. O belo, tanto na arte de conduta de Paulo Nazareth quanto na arte Yorubá, sai do espectro teórico e avança para a prática e para a funcionalidade, no sentido de ambos conseguirem se expressar artisticamente através de suas próprias ações cotidianas.

Na Yorubalândia, a configuração de estudo na estética se dá por uma configuração diferente do estudo na estética do mundo europeu ocidental. Encontramos na estética Yorubá um estudo profundo correlacionando ética e estética. Kabengele Munanga, especialista em antropologia da população afro-brasileira e professor da FFCLH USP, destaca três abordagens no estudo da arte negro-africana: a teoria etnológica, a teoria etno-estética e a teoria estética. Desta maneira, a partir da produção artística do Paulo, cabe-nos a noção da teoria etnológica que propõe que ao analisarmos uma obra de arte, precisamos também analisar o seu meio social. Assim, partindo do contexto social ao qual ela foi engendrada, podemos assimilar sentido a este objeto de arte ganhando vida e funcionalidade. Em notícias de América, Paulo realiza uma performance, que posteriormente utiliza outro aspecto da performance, a fotografia. Como discutido anteriormente, ele sai do Brasil a pé e vai até os Estados Unidos: essa performance acontece pelo fato de que em Governador Valadares-MG, até o início dos anos 90, foi um dos maiores exportadores de mão de obra barata aos EUA. Essa performance que abre o “Notícias de América”, permite a partir de seu contexto social, analisarmos e assimilarmos a obra de arte de maneira que sem o conhecimento do contexto, seria apenas uma performance para contemplação, tirando seu sentido e sua vida. “A própria essência da arte negro-africana é de significar e não de imitar; é de levar a forma que aparece na matéria a apresentar uma mensagem; ela é uma arte comunicativa.”. Dessa forma, podemos compreender de que maneira se comporta não só a arte de conduta, ou arte comportamental de Paulo, mas também a estética Yorubá, que busca o belo em consonância com o ético, fazendo existir essa conexão entre os dois campos.

Considerações Finais

A arte de conduta atinge o plano prático, contribuindo não só para a formação do artista, mas também para uma formação social. Formação essa que é, intelectual, sensível e política. As relações na poética de Paulo com a vasta contribuição ético-estética yorubá ficam evidentes, pois ele resgata toda sua ancestralidade trazendo em forma política seu nome, seu corpo e seu lugar social. Suas obras em forma de performance, panfletos e instalações, tem a intenção de exercer um movimento que lhe foi dado e que deve ser exercitado:

[...] o seu corpo performa, cria meios, elabora a *si mesmo* a partir do movimento primeiro que lhe foi dado e de símbolos comunitários. Porém, essa elaboração do *si mesmo*, não é um processo individual, visto que essas potencialidades são testadas dentro da comunidade e agregam elementos culturais e sociais desta, e um yorubá não é um ser individualizado, carrega em seu corpo sua ancestralidade e o compromisso ou a ligação com sua comunidade. (EUGENIO, 2020, p. 118)

A estética yorubá é um trabalho de formação social, que resgata e atribui o belo simultaneamente ao ético, dar beleza a um corpo ou a um objeto é também dar atributos éticos, bons. O belo e o bom são faces complementares de uma mesma moeda.

Referências

ELLWANGER, Giovana. **A arte de Paulo Nazareth: perspectivas locais e globais em sua circulação**. Porto Alegre. 2016.

EUGENIO, Naiara Paula. Estética e Filosofia da arte africana: uma breve abordagem sobre os padrões estéticos que conectam África e sua diáspora. **Problemata: R. Intern. Fil.**, v. 11, n.2, p.112-123, 2020. Disponível em:

<<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/problemata/article/view/53634>>

EUGENIO, Naiara Paula; WER, Claudia. **Filosofia Africana: Um estudo sobre a conexão entre ética e estética**/ Naiara Paula Eugenio e Claudia Wer. *Voluntas: Revista Internacional de Filosofia*. Santa Maria: vol. 10, p. 128-138. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/39890/21266#>>

GALVÃO, Pedro. **Paulo Nazareth recolhe o corpo e expande as ideias na quarentena**. Estado de Minas. Belo Horizonte, 19 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2020/05/19/interna_cultura,1148491/paulo-nazareth-recolhe-o-corpo-e-expande-as-ideias-na-quarentena.shtml>

GLUSBERG, Jorge. **A arte da performance**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

HOLOCAUSTO Brasileiro. Direção: Daniela Arbex e Armando Mendz. 2016. (01h30min50seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5eAjshaa-do>>

MUNANGA, Kabengele. **A dimensão estética na arte negro-africana tradicional**. Usp Mac Notícias. Disponível em: <www.macvirtual.usp.br/mac/arquivo/noticia/Kabengele/Kabengele.asp>

LAWAL, Babatunde. **Embodying the Sacred in Yoruba Art**. Trad. de Naiara Paula. High Museum of Art, 2008. Disponível em: <<https://www.naiarapaula.com/single-post/2019/02/18/incorporando-o-sagrado-na-arte-yorub%C3%A1-texto-de-babatunde-lawal>>

Acessado em: 02/07/2020

NAZARETH, Paulo. “Mas não se come com a mão de qualquer jeito, existe uma maneira de se comer com a mão, se você não sabe, comete gafe. Porque o ato de comer com a mão também exige uma cultura”. Vários entrevistadores. **Arte e ensaios**, Instituto Pretos Novos, n.38, março, 2019. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/rt/printerFriendly/27906/0>>

NAZARETH, Paulo. **Galeria Mendes Wood DM**. Disponível em:

<<https://mendeswooddm.com/pt/artist/paulo-nazareth>> , acessado em: 25 de Janeiro de 2021.

OITICICA, Hélio. **Aspiro ao grande labirinto**. Hélio Oiticica. - 35 ed. Rio de Janeiro:

Rocco, 1986.

SILVA, T. M. G. S. **O COLORISMO E SUAS BASES HISTÓRICAS**

DISCRIMINATÓRIAS. Disponível em:

<<https://revistas.unifacs.br/index.php/redu/article/viewFile/4760/3121>>. P. 9-

11. Acessado em: 25/01/2021.

¹ Mestranda em filosofia no PPGFIL-UFRRJ; e-mail: gabireboredoevora@gmail.com; link do currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/0465344338548623>.

² Licenciando em filosofia pela UFRRJ; e-mail: kadu.ce66@gmail.com; link do currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/8307978311819788>.

³ Dr. em filosofia pela UFRJ, professor de estética na UFRRJ; e-mail: phussak@ufrj.br; link do currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/2002089262954285>.

Recebido em: 05/2022
Aprovado em: 06/2022